



A CLASSE OPERÁRIA HA-DE
SER, TEM DE SER A CLASSE
DIRIGENTE DA REVOLUÇÃO
ANGOLANA.

Agostinho Neto

O MAIS IMPORTANTE É RESOLVER OS PROBLEMAS DO POVO



CAMARADA AGOSTINHO NETO
Presidente do MPLA-Partido do Trabalho e da R. P. A.

ANGOLA É E SERÁ POR VON-
TADE PRÓPRIA, TRINCHEIRA
FIRME DA REVOLUÇÃO EM
AFRICA.

Agostinho Neto

LUCIO LARA

**Discursos proferidos
pelo
Camarada Agostinho Neto
Presidente do MPLA-Partido do Trabalho
e da República Popular de Angola**

LUCIO LARA

Director General
del Archivo Histórico Nacional
Presidente de la Junta de Historia
y de Estadística de España

ARQUIVO LARA

**PRECISAMOS DE UM GOVERNO
POPULAR**

*DISCURSO PROFERIDO EM MENONGUE
EM 27 DE JULHO DE 1979*

PRECISADOS DE UM GOVERNO
POPULAR

DISCURSO PROFERIDO EM 1929
EM 27 DE JUNHO DE 1929

ARQUIVO LARA

Camaradas, temos hoje uma oportunidade feliz. É que, aqui, connosco, estão visitas importantes que vêm de outros países e que são também importantes para nós. Temos aqui o camarada Rodney Arismendis, 1.º Secretário do Partido Comunista do Uruguai que eu quero apresentar-vos e que nos honra imenso com esta visita porque ela dá uma distinção especial ao nosso Povo e ao nosso país, à nossa luta. Temos também connosco o camarada Presidente da SWAPO, San Nujoma.

Os camaradas aqui, no Kwando Kwabango, sabem muito bem que todos nós, quer no Partido quer no Governo, teremos de desenvolver aquilo que a população do Kwando Kwabango tem na sua mente. O que é que é preciso desenvolver? Vamos desenvolver os transportes, vamos desenvolver até ao ponto óptimo a defesa, vamos desenvolver a saúde — combater a mosca do sono, combater todas aquelas doenças que ainda existem nesta província. Vamos fazer com que tenhamos melhores condições de vida.

Camaradas, quando chegámos ontem ficámos muito impressionados pela recepção no aeroporto e ao longo das ruas da cidade. Ficámos satisfeitos. A população estava lá. Não só sentimos o calor como o entusiasmo do nosso Povo, que a nossa população do Kwando Kwabango pode oferecer-nos para nos reconfortar no dia da nossa chegada.

Hoje vamos partir. Temos outras tarefas... Mas não queremos partir sem dizer aos camaradas muito obrigado. A Luta Continua! A Vitória é Certa!

NÃO PODEMOS TRAIR OS INTERESSES DAS CLASSES TRABALHADORAS

Camaradas, quando nós dirigimos a luta do nosso Povo desde há bastantes anos, nós tomamos uma posição que é a da defesa da classe operária e a defesa dos camponeses. Não podemos afastar-nos desta linha. São os interesses das fundamentais classes trabalhadoras que nos orientam sempre. Não podemos fugir-lhes porque se fugimos vamos trair todos aqueles que acreditaram no MPLA-Partido do Trabalho e que nos acompanham até hoje. Não é por ter a pele negra que o nosso Povo acredita na nossa luta. Não é porque nós tenhamos interesses menos honestos, demagógicos, mesmo quando nós tomamos algumas medidas para regularizar a nossa vida. E neste momento tomámos algumas. Medidas em que sentido? No sentido de nós podermos honestamente realizar a nossa Revolução, Honestamente! Não temos de enganar ninguém. Vamos realizar a nossa Revolução honestamente para conseguir a resolução dos problemas essenciais para o nosso Povo em todas as províncias. Não só no Kwando Kwango mas em todas as províncias. É o nosso Povo que fez a luta, que está a fazer a luta para a libertação. Nós não podemos trair.

Camaradas, o que é que nós estamos aqui a fazer para a reconstrução? O que estamos aqui a fazer para que o Povo tenha a comida, tenha medicamentos, tenha casas, tenha escolas, tenha assistência médica? Os camaradas digam, estamos a fazer o suficiente ou não? Sim ou não? (Sim, responde a multidão). Bom, então não precisamos de mais nada, vou-me já embora... (Não, grita o Povo).

VAMOS TRABALHAR AQUI

Depois de conversarmos com os camaradas responsáveis aqui, desta província, tomei algumas decisões. Quais são essas decisões?

O nosso Partido e o nosso Governo precisam de dar mais atenção aos problemas do Kwando Kwango. Vamos trabalhar mais aqui. Alguns ministros do nosso Governo vão ter de aqui ficar para

resolver os problemas das populações. Ficarão um, dois, três meses mas terão de se aperceber realmente dos problemas que nós estamos a viver na província do Kwando Kwabango. E eu também vou estar mais algum tempo com os camaradas. Porquê?

Porque todos os camaradas responsáveis militares dizem que fazem operações, sim. Esta é a terceira e o inimigo recua mas depois nós não resolvemos os problemas das populações. Não há roupa, não há escolas, não há hospitais. Nós vamos até aos Libongos e não há nada. Há mosca-do-sono. E então como é que nós vamos fazer com que as populações do nosso país acreditem que, de facto, estamos a realizar uma Revolução? Há mais de quarenta mil pessoas, nesta província só, mais de quarenta mil que saíram das matas nuas, com fome, com doenças e o que é que nós estamos a fazer? Se estivessem aqui esses quarenta mil o que é que nós haveríamos de dizer? Que não temos quarenta mil camisas? Temos. Que não temos quarenta mil calças? Temos. Que não temos quarenta mil pares de sapatos? Temos. Como é que estamos a resolver aqui os problemas?

O camarada Puku vai sair para trabalhar comigo. É um camarada muito bom, é um camarada que eu quero para me aconselhar sobre os problemas desta província e creio que os seus conselhos vão ser muito úteis para mim. Vai sair já amanhã. A população do Kwando Kwabango que me desculpe mas eu preciso dele para outros trabalhos, como precisarei também do Comissário Provincial do Kwnene como o do Huambo. São bons camaradas e eu tenho de trabalhar com bons camaradas. (Nós também queremos boa gente para trabalhar connosco aqui na província, reclamou um elemento do Povo). Eu venho cá.

MODIFICAÇÕES DENTRO DA SEGURANÇA

Vou fazer mais algumas modificações no Governo. Vamos ver se nós, de facto, aplicamos a nossa teoria de Governo Popular. Precisamos de ter um Governo realmente popular. E isso não se consegue de um dia para o outro, Precisamos de ir fazendo várias tentativas.

Modifiquei um pouco mais do que foi anunciado pela imprensa em relação à segurança, à DISA. A imprensa não disse tudo aquilo que estava no meu pensamento. Porque razão fiz algumas modificações — vou fazer mais — dentro da DISA? Porque não é possível, camaradas, trabalhar com uma segurança que oferece dúvidas acerca da protecção, aos nossos compatriotas e tem hesitações quanto à nossa política de clemência. Temos de ser objectivos e realizar de facto a nossa política.

Quantas pessoas, hoje, se queixam da DISA? Justa ou injustamente... Mas queixam-se. Não há nenhuma semana que eu passe sem receber cartas de famílias a dizer que «o meu filho desapareceu». Depois, camaradas, eu não sei o que é que vou responder. O que é que eu hei-de dizer? Eu é que sou o responsável. Quando desaparece um filho, um pai, um avô, uma mulher, um cunhado, etc. eu é que sou o responsável. E o que é que eu vou dizer? Alguns que estão nas cadeias estão muito bem lá; é melhor estarem lá do que lá fora. Mas nem todos... Precisamos de resolver esta situação. Temos de ver bem como é que a nossa segurança vai fazer no futuro.

TEMOS DE FAZER A UNIDADE NACIONAL

Temos de fazer uma política justa. Isto não é sentimental, é essencialmente político. Estamos a fazer agora o quê, dentro do nosso país — e fizemos isso durante anos, vamos repeti-lo agora — a questão da unidade nacional. Temos de fazer a unidade nacional, desde o Kwando Kwbango até Luanda temos de fazer a unidade nacional.

Porque é que os fantoches da Unita ainda nos atacam? Porquê? nós não pegamos todos em armas. Se nós tivéssemos uma atitude todos — combater esses fantoches, esses assassinos da Unita — já não haveria aqui a Unita, não é verdade? É verdade.

VAMOS COMBATER PELA LIBERTAÇÃO DA NAMÍBIA

Camaradas, eu queria dizer-lhes um pouco mais. Queria dizer que nós não temos só responsabilidades dentro do nosso país. Temos

responsabilidades no nosso continente. Temos problemas a resolver dentro de África. Temos de auxiliar aqueles povos que ainda estão em luta pela sua independência, na Namíbia e no Zimbabwe.

Vamos dar toda a contribuição porque a luta da Namíbia é a nossa luta, a luta do Zimbabwe é a nossa luta. Se a Namíbia estivesse livre nós não tínhamos guerra em Angola. Não teríamos esses grupitos... E portanto nós todos devemos ajudar a SWAPO para libertar a Namíbia.

Vamos então combater todos para a libertação da Namíbia, porque a direcção política está totalmentê de acordo com a luta justa do povo namibiano e da SWAPO pela sua libertação. Esta é uma atitude de solidariedade e de fraternidade. É uma atitude em que nós revelamos aquilo que se chama internacionalismo proletário: todos os povos unidos pela sua libertação.

Temos de fazer esforço, como fizemos aqui com a nossa luta, para a libertação da Namíbia. Temos de oferecer tudo aquilo que nos é possível ao povo da Namíbia, até encontrarmos uma solução.

PROBLEMAS DO KWANDO KWBANGO NÃO SE RESOLVEM EM LUANDA

Camaradas, gostaria de dizer mais algumas palavras. Na semana que vem nós voltamos cá outra vez. Nós vamos tentar resolver alguns problemas aqui, problemas essencialmente militares. Jovens oficiais, soldados têm estado empenhados numa luta que não é a luta da reconstrução nacional e em Luanda nós ouvimos todos os dias notícias daqui. Pretendemos resolver a partir de Luanda muitos problemas mas não é de Luanda que nós podemos resolver os problemas da província do Kwando Kwbango. Temos de vir aqui. Se não viermos aqui não sentimos bem, portanto até à semana que vem.
Muito obrigado.

**O NOSSO PAÍS DEVE SER CONDUZIDO
PELOS OPERÁRIOS E OS CAMPONESES**

*DISCURSO PROFERIDO NO LUBANGO
EM 28 DE JULHO DE 1979*

O NOSSO PAIS DEVE SER CONDUZIDO
PELOS OPERARIOS E OS CAMPONESES

DISCURSO PROFERIDO NO PARLAMENTO
EM 29 DE JULHO DE 1929

Camarada 1.º Secretário do Partido Comunista do Uruguai,
Rodney Arismendis.

Camarada Presidente da SWAPO, Sam Nujoma.

Camaradas membros do Comité Central.

Camaradas membros do Comité Provincial do Partido.

Camaradas ministros e dirigentes do nosso País.

Camaradas pioneiros, representantes da OMA, combatentes da
libertação da Namíbia.

Camaradas internacionalistas :

Eu quero, em primeiro lugar, saudar com todo o prazer a maneira como nós fomos aqui recebidos, a delegação do Partido e governamental que aqui chegou para uma visita de trabalho. Tivemos o grande prazer de contactar alguns dos responsáveis desta província, especialmente os camaradas que estão no sector militar. Por outro lado, também tivemos as informações sobre o desenvolvimento da província, no que respeita à economia provincial e do nosso País.

No entanto, hoje eu gostaria de começar por felicitar aqueles camaradas que nos têm acompanhado desde antes da proclamação da nossa independência. Aqueles camaradas que têm sentido os problemas da nossa Revolução, da nossa luta, problemas do nosso Povo. Os camaradas que têm estado aqui, com forças militares, com destacamentos para a educação, para a saúde, para aqueles todos problemas que necessitam do seu auxílio; e os camaradas são aqueles que no dia 26 de Julho comemoraram uma data importante da sua Revolução, quero dizer, os camaradas de Cuba.

Não é para nós extraordinário termos esta afirmação de fraternidade, de solidariedade, que nos expressaram e nós também expressamos de uma maneira concreta em relação àqueles que, compreendendo o sentimento internacionalista que deve animar todos aqueles que fazem a Revolução, vieram aqui e nos estão a dar o seu apoio. E devo dizer que não é o imperialismo que conduz os nossos negócios em Angola. Em Angola ninguém dirá a nós que devemos expulsar daqui os camaradas cubanos ou outros quaisquer. Quem decide somos nós.

Os imperialistas podem falar muito, mas fora de Angola. Dentro de Angola, não, porque vão para a cadeia. Nós temos amigos, bons amigos que nos têm ajudado. Temos aqui alguns. E porquê que os nossos inimigos é que vão dizer a nós o que devemos fazer? Podemos aceitar isso? (O povo respondeu : não!).

RESISTIREMOS ÀS AGRESSÕES EXTERNAS ATÉ A ÁFRICA SER LIBERTADA

O que é preciso é que a África do Sul saia da Namíbia. A África do Sul deve sair da Namíbia. Abaixo a África do Sul.

Sobre a Namíbia, são os camaradas, os patriotas namibianos que têm a primeira palavra a dizer. No entanto, há muitos países que querem também dizer a sua palavra sobre o problema da Namíbia, e têm vindo aqui falar connosco para ver se nós prendemos todos os camaradas da Namíbia, metemos aí num quartel qualquer sem poderem mais fazer a luta. Bom, nós dissemos : como assim? Se nós temos de continuar a nossa luta até à vitória final dos povos africanos? Como é que vamos fazer? Ninguém pode dizer-nos aquilo que devemos fazer aqui. Sejam quais forem as ameaças, sejam quais forem as disposições de cada um, sejam quais forem os bombardeamentos que façam, sejam quais forem as agressões terrestres que façam, nós vamos resistir até que a África seja completamente libertada.

Camaradas, a África é o nosso continente. E neste nosso continente ainda temos de resolver muitos problemas, problemas que dizem respeito à organização política de nós próprios, problemas

que dizem respeito à organização económica, problemas que dizem respeito à vida social e que dizem respeito à vida cultural dos nossos povos em África.

CIMEIRA DA OUA NÃO DISCUTIU MANEIRA PROFUNDA O PROBLEMA DA LIBERTAÇÃO DE ÁFRICA

Eu acabei de chegar de uma conferência da Organização de Unidade Africana (O. U. A.), que recentemente foi realizada em Monróvia, na Libéria, que é um país que já está independente há mais de um século, há mais de cem anos. Estivemos ali e falámos de muitas coisas. Falámos de coisas importantes e também falámos de coisas sem importância nenhuma. Alguns de nós saíram contentes, outros saíram aborrecidos. Eu não fiquei contente, por exemplo, que nós estivessemos a discutir problemas dos funcionários da OUA. Eu não gosto dos funcionários. Gosto mais dos combatentes. Mas o que é certo é que estivemos a discutir problemas dos funcionários. E isto foi um desprazer para muita gente, para muitos chefes de Estado.

Estivemos a discutir problemas de relações entre países, problemas muito delicados. Mas o que nós não discutimos, de uma maneira profunda, foi a libertação da Namíbia, nem a libertação do Zimbabwe, nem da África do Sul. Aqui é que se põem os grandes problemas de África, não é a questão das rendas de casa, não é a questão dos funcionários, nem a questão de relações entre os países africanos já independentes, mas a libertação dos povos. Assim pensamos nós. E agora, o que vamos fazer? Vamos dar uma contribuição maior para a libertação daqueles que são os nossos queridos irmãos ainda dominados pelos racistas sul-africanos e da Rodésia.

GRÃ-BRETANHA É O INIMIGO DO ZIMBABWE

Na Namíbia, o problema é claro. Quem é que está a dominar a Namíbia? É, naturalmente, a África do Sul, que tem tropas aqui perto da nossa fronteira, dezenas de milhares de homens, meios importantes de ataque, meios modernos, que têm na nossa fronteira

para nos atacar simplesmente porque temos este sentimento de fraternidade para com os nossos irmãos da Namíbia. E podemos deixar de ser irmãos? Quem é o filho do mesmo pai e da mesma mãe que despreza o seu irmão?

O que vamos nós fazer? Vamos continuar o nosso apoio à luta dos nossos irmãos da Namíbia. Não é a mesma coisa para o Zimbabwe. No Zimbabwe, as questões são um pouco mais complicadas, porque infelizmente os nossos irmãos do Zimbabwe não definiram bem quem era o seu inimigo. Quem é o inimigo no Zimbabwe?

Parece que há uma rainha que anda aqui em África, a discutir com os chefes de Estado. E eu pergunto-me a mim mesmo, se é justo que nós falemos com aqueles que têm a principal responsabilidade em relação a outros povos? Quem é o inimigo no Zimbabwe? É a Grã-Bretanha, não há outro inimigo. Não é o Smith, não é o Muzorewa, não é nada disso. É a Grã-Bretanha.

Então, vamos fazer a guerra contra quem? Complicado não acham? Mas o mais importante o que é? (a multidão respondeu: resolver os problemas do povo!).

HAVERÁ NOVAS MODIFICAÇÕES NO APARELHO ESTATAL

Não podem ser ditas sempre palavras muito agradáveis. Qualquer responsável tem de ser justo. E às vezes é difícil tomar posições justas, exactamente porque de vez em quando não queremos ferir ninguém. E quando nós não queremos ferir ninguém, tomamos posições injustas.

Por exemplo, aqui na província da Huíla eu nomeei um novo Comissário Provincial, que aliás os camaradas conhecem. Nomeei um novo Comissário Provincial que é o camarada Ivady. Quando eu nomeio o camarada Ivady, o que é que vai dizer o camarada Nazário? Pensa que eu sou inimigo dele. Não é isso, precisa de um certo repouso e de trabalho na Sede do Partido. Vai trabalhar connosco na Sede do Partido.

Modifiquei algumas personalidades ao nível da nossa Segurança, que antigamente se chamava DISA. Nomeei um Ministro do Interior, um vice-Ministro do Interior. O vice-Ministro será o antigo Comissário Provincial do Kwando Kwabango e o Ministro do Interior, será o camarada Kundi Paihama, que era o Comissário Provincial do Kwnene. Vamos fazer mais modificações, para ver se aqueles camaradas que têm estado em áreas de tensão permanente, podem repousar e trabalhar doutra maneira. Isto será tanto a nível civil, como a nível militar.

Algumas outras modificações, depois dessas, virão para que nós todos possamos funcionar normalmente com as condições psicológicas necessárias, para podermos exercer as nossas responsabilidades, que temos várias, ao nível das populações, ao nível do povo em geral, e ao nível do nosso continente.

CONTINUA A PREDOMINAR A INFLUÊNCIA PEQUENO-BURGUESA

Não posso dizer que neste momento tenhamos o nosso aparelho partidário suficientemente enérgico, forte para imprimir a orientação que nós queremos, todos nós, os membros do Comité Central e, essencialmente, aqueles que pertencem ao Bureau Político. Talvez tenhamos também de fazer algumas modificações. E eu creio que a ideia do MPLA-Partido do Trabalho de traduzir melhor, na prática, a sua orientação teórica que é de fazer com que o nosso país seja conduzido pelos proletários, pelos camponeses e pelos operários, que são a grande maioria do nosso País, que essa orientação deve merecer uma atenção especial, de maneira que, de facto, nós possamos ter mais representantes destas classes trabalhadoras no Partido. Temos poucos. E não terminarei antes de dizer que ainda temos uma grande influência pequeno-burguesa dentro do nosso Partido e dentro do nosso Governo, e que precisamos de fazer algumas modificações para que esse estado de coisas termine. Se nós continuarmos a consentir que o nosso Partido, o nosso Governo, tenha uma predominância de elementos da pequena-burguesia, ou influenciados pela pequena-bur-

guesia, o que vai acontecer daqui a dois ou três anos? O que vai acontecer é que nós vamos mudar de orientação — com as mesmas palavras de ordem — não cumprir aquilo que foi determinado pelo Congresso e nós voltaremos a uma fase de capitalismo não confessado.

Nós não temos em Angola uma burguesia com poderes. Não temos, mas podemos ter no futuro, se não tomarmos cuidado. Podemos ter uma burguesia com poderes, se não tomarmos cuidado. Ora, o que nós queremos é que os operários e os camponeses tenham o poder e não a burguesia.

O mais importante é? (A multidão respondeu : resolver os problemas do Povo).

A LUTA CONTINUA!

**DEVEMOS FAZER MAIS
PELA REVOLUÇÃO**

*DISCURSO PROFERIDO NO ACTO CENTRAL
DO ANIVERSÁRIO DA PROCLAMAÇÃO
DAS FAPLA EM 1 DE AGOSTO DE 1979*

DEVEMOS FAZER MAIS
PILIA REVOLUÇÃO

DIRETORIO PROTECTOR DO BEM DO PAIS
DO APT. 101 - RUA DO APT. 101 -
CASA 101 - RUA DO APT. 101 -

ARQUIVO LARA

Camaradas membros do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho.

Camaradas membros do Governo da República Popular de Angola.

Camaradas convidados.

Membros do Corpo Diplomático.

Camaradas oficiais, sargentos e soldados das FAPLA :

Temos neste momento o grande prazer de comemorar mais um ano da fundação das nossas Forças Armadas. Foi em 1974, por iniciativa do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho e depois de encarregado o actual Ministro da Defesa, que nós começámos a organizar as Forças Armadas Populares de Libertação de Angola. Foi ainda antes da independência e enquanto nós tínhamos uma situação difícil, uma situação que se podia resumir numa ocupação de facto do nosso território pelos colonialistas portugueses e por outro lado por situações internas do nosso Movimento de Libertação que nem sempre foram suficientemente controladas.

No entanto, a nossa confiança plena na direcção do M.P.L.A. e sobretudo na vontade do povo angolano que queria a independência, queria o regime progressista que nós agora adoptamos, com essas premissas conseguimos fazer com que o nosso povo estivesse dotado do instrumento importante que hoje se realiza aqui, que são as

Forças Armadas Populares de Libertação de Angola e dentro das quais a juventude do nosso país continua a ser o elemento activo e dinâmico para a defesa da nossa integridade territorial, para defesa do nosso povo, para defesa da nossa Revolução. E desde 1974 até agora, passados cinco anos, não somente as Forças Armadas se foram definindo mas também a Revolução se está a definir. Há cada vez mais clareza nas nossas opções. Há cada vez mais elementos para nós acreditarmos que vamos de facto constituir aquele povo que em África pode realizar uma Revolução para o socialismo.

A REVOLUÇÃO FAZ-SE COM DINAMISMO

A Revolução não se pode definir sem dinamismo, sem que haja uma transformação constante das forças que apoiam essa Revolução. Nós não podemos pensar numa Revolução que se faz num dia e que termina no dia seguinte. Isso não é Revolução.

A paralisação não é Revolução! É necessário que haja transformação constante, que nós todos sintamos que há qualquer coisa que muda todos os dias, dinamicamente, de maneira a poder satisfazer todas aquelas aspirações que estamos a definir nos nossos Programas, que nós estabelecemos nos nossos Estatutos, que nós estabelecemos durante o nosso Congresso e que representam de facto os interesses do nosso povo.

E o que é necessário para isso? O que é necessário?

São necessários determinados elementos, sobre o nosso território. Precisamos de facto de ter a consciência de que estamos a trabalhar para a paz no nosso país, para a paz no mundo. Precisamos de cuidar da nossa defesa, constantemente, mesmo que isso nos custe materialmente. Mesmo que isso nos custe do ponto de vista humano. Há recursos materiais, há recursos humanos que nós estamos a dispendir hoje para a nossa defesa. Mas isso é necessário para a manutenção da paz dentro do nosso território e também como uma contribuição para a paz no nosso continente e no mundo. Mesmo que de vez em quando pensemos que estamos a fazer sacrifícios

exagerados, eles não são exagerados porque a nossa contribuição para o nosso povo, para o nosso continente, para o mundo é absolutamente indispensável. E nós, temos de o fazer.

Temos que fazer mais para a Revolução. Temos de fazer com que não voltemos a qualquer espécie de dominação de qualquer classe exploradora. Temos que evitar, temos que evitar que qualquer espécie de exploração sobre o nosso povo e sobretudo sobre os operários e camponeses, sobre aqueles que mais pagaram as despesas do colonialismo no nosso país que se verifique novamente. Por isso, temos de assumir uma atitude firme no sentido da defesa, dos interesses da classe operária e da classe camponesa, como está definido no nosso Estatuto, como está definido no nosso Programa estabelecido no Congresso.

O POVO DEVE SENTIR CONFIANÇA NO PARTIDO E NO GOVERNO

Se nós falharmos nesse sentido não há dúvida que em Angola se formará novamente uma classe burguesa que vai explorar os operários e os camponeses. Por isso o afirmamos quase todos os dias. O homem da sanzala ou do kimbo, o homem da fábrica, o homem que está na rua deve sentir-se seguro, deve ter confiança no seu Partido, deve ter confiança no seu Governo, deve ter confiança em todos aqueles que dirigem o Estado e sobretudo na orientação do Partido, porque se não houver essa confiança, se nós não pudermos garantir a segurança e a confiança de cada homem no nosso país, nós falhamos...

Temos de garantir a confiança e a segurança. Por isso, algumas medidas que é necessário tomar e por isso, nessa altura, pelo menos é a minha maneira de pensar, temos de tomar algumas medidas para que cada homem se sinta confiante no nosso país; mesmo que tenhamos milhares de agressores, tenhamos ofensivas de inimigos diversos, nós estaremos confiantes de que estamos a defender uma causa justa, estamos a defender o nosso país, estamos a defender uma orientação do Partido e um futuro socialista.

É PRECISO ORGANIZAR URGENTEMENTE O PODER POPULAR

Algumas vezes nós esquecemos elementos fundamentais que devemos estabelecer no nosso país. Um desses elementos é o Poder Popular.

E eu creio que nas condições actuais podemos dar passos para o estabelecimento do Poder Popular de maneira que tenhamos no nosso país aquilo que nos falta para completar a estrutura do Estado que é a Assembleia do Povo. A actuação do Governo, a actuação de cada Ministro, a actuação de cada Comissário Provincial, a actuação de cada funcionário não passa pela crítica actualmente, não passa pela crítica de uma Assembleia Popular, quer dizer que é uma actuação livre e a crítica por vezes é apenas pessoal ou de pequenos organismos, que têm autoridade mas não têm aquela característica que é necessária conferir aos elementos do povo que devem, de facto, controlar a actividade do Estado.

Nós não temos ainda isso. E para chegarmos a esse ponto, para nós formarmos a Assembleia do Povo, será preciso organizar urgentemente os organismos do Poder Popular, os organismos que se compõem pelas Comissões de Bairro, pelas assembleias urbanas e rurais e nós completaremos depois pela formação do Poder Popular.

Claro, não é fácil chegarmos a este estado de coisas, mas vamos dar mais alguns passos, vamos dar mais alguns passos no sentido dessa organização e esta organização tem de ser feita através do Partido.

INJECTAR SANGUE OPERÁRIO E CAMPONES NO APARELHO CENTRAL DO PARTIDO

Temos poucos operários, poucos camponeses no aparelho do Partido. Temos no aparelho central bastantes intelectuais revolucionários, intelectuais revolucionários de boa vontade que têm sacrificado a sua vida para contribuir para a concretização dos ideais do nosso Partido.

Mas, na composição do aparelho central do Partido eu creio que é preciso injectar sangue, injectar sangue operário e sangue camponês. Será necessário que os Departamentos do Partido tenham, de facto, operários e camponeses. Bom, nós somos aqueles que não sabemos falar bem o português, nem escrevemos bem o português mas ao menos podemos interpretar os sentimentos do nosso povo. E os sentimentos do nosso povo são de facto coincidentes com a orientação do Partido. Portanto, vamos organizar o nosso Partido, vamos fazer de facto que ele funcione de maneira a educar a classe operária, educar os camponeses para poderem ter na mão os destinos do nosso país, da nossa Pátria que é Angola. Fazendo isto contribuímos enormemente para a unidade nacional.

A unidade nacional não se faz com racismo, com tribalismo, com regionalismo, faz-se sim com uma orientação segura que engloba todas as classes, engloba todas as regiões, todas as etnias dentro do mesmo interesse que é o interesse da formação de uma pátria socialista. Fazer o contrário seria cada vez mais seccionar o nosso país, seria cada vez mais impedir de facto a unidade nacional, seria pôr cada vez mais em perigo a defesa do nosso país, seria cada vez mais fazer com que em Angola predominasse num futuro mais próximo ou menos próximo a dominação de um determinado grupo de pessoas sobre outro grupo.

TODOS DEVEM COLOCAR-SE AO SERVIÇO DAS CLASSES OPERÁRIA E CAMPONESA

Caros compatriotas e camaradas :

A pequena-burguesia não precisa de ter medo dos operários e dos camponeses. Não precisa de ter medo! Porque, é justamente no interesse da classe operária e da classe camponesa que as ideias revolucionárias podem ser veiculadas e sobretudo a unidade de todos. Por isso não é necessário ter medo. O que é necessário é que todos se coloquem ao serviço da classe operária e da classe camponesa. Todos se coloquem ao serviço da classe operária e da classe camponesa. Isto é que é o necessário.

Não precisamos de ter receio de coisa nenhuma porque nessa altura, quando nós realizarmos este objectivo fundamental do nosso Partido, todos terão a garantia do exercício das suas funções, do exercício de todas as actividades que têm na vida actual, excepto naturalmente os abusos.

Camaradas combatentes :

Ainda temos tarefas bastante difíceis e grandiosas a desempenhar no nosso país. Ainda temos que empenhar o nosso esforço na defesa de Angola; somos atacados, estamos a procurar por todos os meios, quer pela acção física, quer pela acção diplomática, quer pela acção política, um meio para nós podermos ter a tranquilidade que é necessária para nós recomeçarmos a actividade para a Reconstrução Nacional. Precisamos de ter boas estradas, aeroportos, meios de transporte, precisamos de ter meios suficientes para desenvolver a agricultura, as indústrias, precisamos de explorar e transformar as riquezas naturais que estão no nosso país e não temos interesse nenhum em fazer guerra. Interesse nenhum. Mas, somos atacados. E desde que nós sintamos um ataque temos que defendê-lo, e vamos fazer a nossa defesa com toda a força.

ESTAMOS A CONTRIBUIR PARA A PAZ EM ÁFRICA

Vamos recorrer a todos os meios que dispusermos hoje para podermos defender o nosso povo e defender a integridade do nosso território. Vamos procurar as vias, os meios para resolver os problemas sem guerra. Vamos procurar a necessária habilidade para podermos encontrar para o nosso povo aquilo que desejamos, mas não evitaremos de empregar a força se for necessário. E isso significa que os meios que podemos dispôr hoje, e que em grande parte estão ao dispôr da defesa, poderão amanhã estar ao dispôr do desenvolvimento económico e vamos procurar em cada dia a maneira de nós podermos sair duma situação que é indesejável.

É evidente que a nossa contribuição para a paz em África não pode dispensar o nosso apoio ao povo da Namíbia. Seria uma traição ao nosso continente e uma traição aos povos de todo o mundo. Não poderíamos dispensar o apoio ao Zimbabwe, nem à África do Sul. Mas vamos também por vias diplomáticas ver se encontramos uma solução para os problemas que se põem no nosso continente. E temo-lo feito!

Esta é uma procura de paz, da liberdade, é uma procura dos elementos essenciais para o desenvolvimento do nosso povo, é uma procura de tranquilidade de cada homem, para cada elemento que constitui a população de Angola. E por isso eu quero, neste momento do 5.º aniversário das FAPLA, dizer quanto me orgulho por termos diante de nós aqueles que combatem, aqueles que garantem a nossa defesa, que não são unicamente as FAPLA, mas também outros combatentes, outros elementos que constituem todo o aparelho da defesa. E orgulho-me porque quando nós iniciámos a luta não éramos tantos, éramos muitos menos. Agora somos muitos.

HOJE SOMOS MILHÕES A PARTICIPAR NA LUTA REVOLUCIONÁRIA

Quando iniciámos a luta éramos uma dezena, hoje somos milhões. E esses milhões actuais vão fazer com que a nossa Revolução seja cada vez mais forte. Vão fazer com que cada um, cada elemento do nosso povo possa estar consciencializado para a edificação das tarefas que lhes são confiadas, quer ao nível da defesa, quer ao nível do Partido, quer ao nível dos departamentos do Estado.

Não é necessário absolutamente ter estado no início da guerra para se ser um bom revolucionário. Ser bom revolucionário não quer dizer que se começou desde o princípio a fazer a luta revolucionária. Este é um processo dinâmico em que se introduzem cada vez mais elementos novos, para que se introduzam elementos que vão valorizar o nosso combate.

Nós temos os combatentes antigos que se sacrificaram nas cadeias, fizeram a guerra desde 1961 e que estão hoje também a

5950.

combater e a dirigir o nosso país. Não quer dizer que outros elementos novos não venham a ter a mesma capacidade e ter a mesma habilidade para conduzir os negócios do país como aqueles que começaram a luta, até porque nós não nascemos todos no mesmo dia. Há os mais novos, há os mais velhos, temos respeito por todos e, portanto, ninguém tenha receio de participar na nossa Revolução e sobretudo os elementos das Forças Armadas que devem dar todo o seu esforço e fazer com que a nossa luta pelo povo, a luta pela defesa da Revolução, a luta pela nossa Pátria seja de facto uma luta honesta, justa e capaz de conduzir o nosso povo ao triunfo, quer ao triunfo sobre os inimigos actuais, quer ao triunfo da nossa Revolução.

A LUTA CONTINUA!

A VITÓRIA É CERTA!

ARQUIVO L. LARA

EDIÇÃO DA SECRETARIA PARA DIVULGAÇÃO E PROPAGANDA

BA-01
CAEN